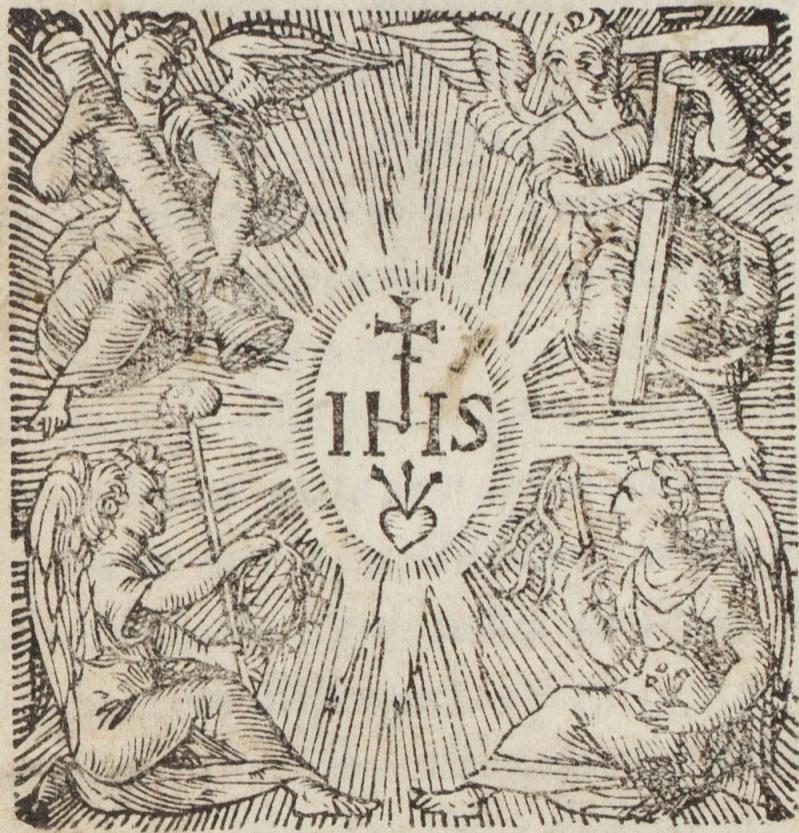


SERMAO
QUE O PADRE
DIOGO DE AREDA DA

Companhia de Iesu, fez na Igreja de san-
cta Iusta na cidade de Lisboa, estando
o Sanctissimo Sacramento em pu-
blico, pello caso que socedeo na
igreja de sancta Engracia
da mesma cidade.



Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa por Pedro Craesbeeck,
Impressor del Rey 1630.

Està conforme com seu original. Em saõ Do
mingos de Lisboa 5. Julho de 1630.

F. Diogo Ferreira.

AO ILLVSTRISSI-
MO SENHOR DOM
GREGORIO DE CASTEL-
branco Conde de Villanoua, senhor
de Goes, & da casa de Sortelha,
Guarda mór de sua Ma-
gestade.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



Abida he nesta cidade & Reyno a desgra-
ça, que aconteceu em faltar o sanctissimo
Sacramento na igreja parochial de sancta
Engracia, & como no gouerno deste Rey-
no se assentou, que se fizesse publica demo-
stração, assim do sentimento, que o caso me-
recia, como da veneração deuida ao Sanctissimo Sacramen-
to em todos os mosteiros, & igrejas se puzerão em hũa san-
cta competencia, em testemunho da muita vontade, & do
muito animo com que pretendião refazer com scruiços a a-
fronta que se tinha feito a este diuino Sacramento: entre
as igrejas que mais se asinarlaão foy a igreja de sancta Lu-
sta, porque excedeo no gasto, & aparato de maneira, que
sempre ficará em memoria; nesta solennidade pregou o Pa-
dre Diogo de Areda da Companhia de Iesu, depois de ter
feito outras vezes em differentes igrejas, & porque a pri-
meira pregação que fez sobre esta materia anda impressa,
me pareceo imprimir esta, que foy a derradeira, que fez ne-
sta occasião, & de ambas se pode entender o estillo que le-
uou nas outras, offereçoa a V. S. porque tendo ouuido a pri-
meira, & algũas outras, & mostrando particular sentimen-
to de não ter ouuido esta, fiz tudo o que me foy possiuel pel-

la auer, & dar este gosto a V. S, principalmente sabendo a particular amizade que V. S. tem com o Padre Diogo de Areda, & a muita confiança que elle teve com os senhores Condes de Villa noua, que Deos tem: & todo este trabalho se deuia a muita Christandade, & exemplo com que V. S. se ouue em todo o tempo em que esta cidade foy satisfazer do com publicos effeitos a obrigação que nesta casa lhe couria. Deos guarde a V. S. por largos annos. Lisboa 20. de Mayo 1630.

Belchior Henrique
de Macedo



*Caro mea verè est cibus, & sanguis
meus verè est potus, qui manducat
meam carnem, & bibit meum san-
guinem in me manet, & ego in illo.
Ioann. cap. 6.*



O M este Euangelho proua a I-
greja Catholica, que debaixo das
especies sacramentaes que temos
presentes está Christo Señor nos-
so em realidade, assim & da maneira q̄ está
em o Ceo, triumphante & glorioso. Suppo-
sta esta verdade, & fallando do sacrilegio q̄
se cometeo contra este diuino Sacramento
na cidade tres consequencias se inferem.
A primeira he, que auemos de julgar esta
desordem por suprema maldade. A segun-
da, que auemos de tomar esta desgraça cõ
supremo sentimento. A terceira he, que a-
uemos de restaurar esta perda com supre-
ma applicação.

2
A primeira cousa que se infere da verda
de, que temos no nosso Euangelho he, que
auemos de julgar esta desordem, que se co-
meteo contra o diuino Sacramento por su-
prema maldade, porque se cometeo imme-
diatamente contra o proprio Senhor que
adoramos.

O Sacramento da Eucharistia he hũa
cousa tão sancta, & tão alevantada, que em
certa maneira chega a communicar sancti-
dade, & a cõmunicar grandeza as proprias
mãos diuinas. As mãos de Christo Senhor
nosso sempre se podem chamar mãos san-
ctas, & mãos honradas, porque ellas são as
que fizerão o mundo por omnipotencia, el-
las são as que remedearão o mudo por mi-
sericordia, ellas são as que espantão o mun-
do por justiça, & ellas são as que enrique-
cem o mundo por liberalidade, assim o te-
stimunhou a alma sancta, quando disse,
Manus eius tornatiles aureæ plena hyacinthis. pe-
rem nos se fizermos diligencia auemos de
achar, que só no acto em que instituirão es-
te diuino Sacramento, se chamão as mãos
de Christo, mãos sanctas, & mãos honradas
assim o declara a Igreja Catholica, quando
diz, *Qui pridie quam pateretur accepit panem in*
sacra

Cantic. 5. n. 14.

*Ecclesia in Canone
Missæ.*

^T
sanctas, ac venerabiles manus suas, se considerar
mos as cousas pella primeira apparencia a-
uemos de achar, que o passo em que mais
conuinha chamaremse as mãos de Christo
sanctas, era o passo em que estauão encra-
jadas na cruz, porque naquelle passo esta-
uão manando o sangue com que se sanctifi-
caua o mundo, se considerarmos as cousas
pella primeira representação, auemos de a-
char, que o passo em que mais cõuinha cha-
maremse as mãos de Christo, mãos honra-
das, era o passo em que sobia ao Ceo no
dia de sua gloriosa ascensão, porque neste
dia decião os anjos a lhas beijarem por re-
uerencia, pois que rezão teue Christo Se-
nhor nosso, pera ordenar q̃ sô no passo em
que instituiria este diuino Sacramêto da Eu-
charistia, se chamassem suas mãos sanctas,
& honradas. A razão foi, porque este diui-
no Sacramento he tão sancto, & tão aleuã-
tao, que o mesmo foi tomalo Christo em
as mãos, que consagralas por hum nouo ge-
nero de sanctidade, & que authorizalas por
hum nouo genero de respeito.

Com isto ser assim, basta o acto com que
hum sacerdote toca a hostia consagrada in-
dignamente pera este diuino Sacramento

ficar em certa maneira prophanado, & em
certa maneira abatido many authorizad
vay hum sacerdote quando chega ao altar
porque no interior vay tão soberano, qu
até o proprio Ceo lhe guarda obediencia
E no exterior vay tão ornado, que até o
Principes, & Monarchas do mūdo lhe guar
dão reuerencia, porem o propheta Mala-
chias diz, que o mesmo he consagrar, & to-
car a hostia estando em peccado mortal, &
tirarlhe a sanctidade, & que tirarlhe a gran-
deza, neste sentido auemos de tomar aquel-
las palauras: *Offertis super altare meum panem
pollutum*, porque ainda que foraõ ditas dos
Sacerdotes que na ley velha offerenciaõ o
pão da proposição, tambem se deuem
de estēder aos Sacerdotes da ley noua, que
offerecem o pão diuino, pella correspon-
dencia da figura, a hostia consagrada, nun-
qua perde, nem a sanctidade, nem a gran-
deza, porque Christo està atado as especies, em
quanto permanecem sem corrupção, pois
que rezaõ teue o propheta Malachias pera
fazer este encarecimento: A razão foi, diz a
grosa Ordinaria, porque o peccado com q̃
trata hũa hostia consagrada indignamente
he tão grande, que chega em certa maneira
a fazer

*Malachia 1. nu. 7.
Glosa ordi. ex Hie
ron. ad hunc locū
Malachia.*

ra fazer sombra a propria eminencia diuina
nesta correspondencia parece que fallou o
glorioso saõ Paulo, conforme a exposiçãõ
de algũs doutores modernos, quãdo disse:
*Quanto magis putatis deteriora mereri supplicia
qui filium Dei conculcauerit, & sanguinem testa-
menti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, &
spiritui gratie contumeliam fecerit.* Se isto assim
he, manifestamente se infere, que não pode
auer maior desordem que aquella, que co-
mete hum peccador, em tratar injuriosa-
mente este diuino Sacramento, porque o sa-
cerdote que trata indignamente este diui-
no Sacramento, offende a Magestade diui-
na por adoraçãõ, & o peccador que trata in-
juriosamente este diuino Sacramẽto, offen-
de a Magestade diuina por manifesta vio-
lencia.

Hũa particularidade mostra euidente-
mente ao olho a deformidade desta violen-
cia, & he a grande reuerencia com que os
anjos do Ceo assistem a este diuino Sacra-
mento. Ordenando Salamaõ o templo de
Ierusalem, pos no meo do Sancta sanctorũ
a Arca do testamento entre dous cherubins
que sustentauãõ a tauoa do propitiatorio,
em que Deos fallaua sobre o sitio destes

Paul. Heb. 10. n. 29

*2. Paral. cap. 30.
num. 13.*

dous Cherubins ha muy grande controuer-
sia entre os doutores Sagrados, por em to-
dos elles concertaõ em dizer, que os cheru-
bins desuiuaõ os olhos da Arca: *Ipsi stabant
reclis pedibus, & facies eorum, erant versæ ad ex-
teriorem domum.* A boa conueniencia estaua
pedindo que os os dous Cherubins estiu-
sem com os olhos fixos na arca, porque des-
ta maneira mostrauão o amor com que af-
fistiaõ, & a vigilancia com que a emparauão
pois que rezaõ teue Salamão pera por os
cherubins com os olhos desuiados da arca,
a rezão foi, porque a arca do testamento e-
ra hum sacrario, em que estaua o manâ, fi-
gura deste diuino Sacramento, & com esta
inuenção ficaua declarando que até os pro-
prios anjos que lhe assistião por affeição
desuiuaõ os olhos por respeito.

*Lege Riberam l. 2
de templo c. 6.*

*Chrysosto. to. 1. in
cap. 5. Isaie ad illa
verba, Vidi Dñm
homil. in laudem
eorũ qui apparue-
runt in Ecclesia.
Chrysof. to. 5. hom
5. ad pop. An. ioch
Angeli videntes
horrescunt, neque
iberè audent in-
ueri.*

Isto que na ley velha se representaua
em figura vemos executado na ley
por effeito. Tratando o glorioso São Ioaõ
Chrysofomo, do modo com que Christo
Senhor nosso está no sacramento da Eucha-
ristia, diz, que não ha nem sacrario, nem cu-
stodia, que não esteja rodeada de milhares
de anjos, q̃ em certa maneira se desterraõ
com Christo do Ceo, por lhe fazerem cor-

te na terra: pore[m] passando adiante ajun-
ta, que nunca os anjos se mostrarão em fi-
gura humana, senão prostrados de joelhos
com os olhos no chão, os anjos no ceo, não
tem confiança pera pore[m] os olhos na es-
sencia diuina? Si tem, porque Christo Se-
nhor nosso o authorizou com dizer: *Angeli*
eorum semper vident faciem patris mei qui in cae-
lis est: os anjos no Ceo não tem confiança
pera porê os olhos em Christo, si tem, por-
que muitos doutores lhe applicão aquellas
palavras de S. Pedro: *In quem desiderant An-*
geli prospicere: pois que razão tem os anjos
pera variarem este estilo, & materia. A re-
zão he, porque a mesma grandeza que os
obriga a terem no Ceo os olhos fixos em
Christo, por amor os obriga a terem na ter-
ra os olhos baixos por respeito.

Math. 18. nu. 10.

1. Pet. 1. n. 12.

Secundū exposit. 1

renei lib. 4. ca. 67.

& lib. 2. cap. 9.

Cyrill. lib. de Incar-
natione vni. c. 28

Ephrē in tract. de

armatura spiri. c. 1

Se os anjos guardão este respeito a Chri-
stos Senhor nosso, posto debaixo das espe-
ranças sacramentaes, manifestamente se vê a
grande temeridade que cometerão aquel-
les, que fizeraõ a desordem que estranha-
mos contra este diuino sacramêto, pois sen-
do inferiores na natureza, & no estado se
mostrarão superiores na ousadia, impossi-
uel he auer fê, & perfeito conhecimento de

Cardin. Baron. in
apparatu ad annal
Ecclesiast.

1. Corint. 2. n 8.
Pet. act. 3. n 17.
Tertull l. 3. in Mar
cionem cap. 6.

D. Tho. in 1. epist.
ad Corint. c. 2 lect
3 par. q. 47.
71. 5.

Christo em homões que cometerão excessõ
desta qualidãde. Muy desordenados anda
rão os Scribas, & Phariseus, que puserão a
Christo na crus, porque não estauão, nem
certos na sciencia, nem reformados na
religião, nem inteiros na justiça, & manife-
stamente se desfaziaõ por hũa parte, em
ambiçaõ, & por outra parte em cobiça, co-
mo consta do Euangelho, porem S. Paulo
assentou, q̃ nunca poderião pór a Christo
na cruz, se conhecessem sua diuindade: *Si
cognouissent nunquam Domini gloriam cruci-
fixissent.* E atè Christo Senhor nosso Ihe-
deu esta escusa na cruz: *Pater ignosce illis,
non enim sciunt quod faciunt.* a vontade hu-
mana he tão liure, que chega a peccar a o-
lhos vistos todas as vezes que o appetite a
poem fora de tudo aquillo que he justiça,
& fora de tudo, aquillo que he rezaõ. pois
que rezaõ teue o glorioso saõ Paulo
assentar q̃ nunca os Scribas, & Phariseus
poderião pór a Christo na crus, se conheces-
sem sua diuindade? A rezaõ he, porque o
pór hum homem as mãos em seu proprio
Deos, que o criou por misericordia, & que
o pode anihilar por justiça, he hum excessõ
tão extraordinario, que nunca a vontade
humana

622

humana pode chegar a estos excessos de odio, em quanto o entendimento não está escurecido por ignorancia, o mesmo discurso que leuou o glorioso saõ Paulo, fallando daquelles que crucificaraõ a Christo, podemos, & deuemos nos de leuar nestes destina-
dos, que afrontarão a Christo no Sacramento da Eucharistia, porque nũqua a vontade podia chegar a estes effeitos de ray. *Chrysoft. tomo 5. homil. 60. ad pop. Antiochenum.*
ua sem o entendimento estar escurecido por dureza.

Parte I I.

A segunda cousa que se infire da verdade, que temos no nosso Euangelho he, que auemos de tomar esta desgraça, que se cometeo contra o diuino Sacramento, com supremo sentimẽto, porque vemos a nosso proprio Deos, & a nosso proprio Redemptor offendido.

Uuy desgraçado foy el Rey Saul em seu gouerno, porque ainda que no principio de seu reinado deu mostras de prudencia de religiaõ, & de valor, os excessos que depois cometeo, o fizeraõ reprovado de Deos, & auorrecido dos homẽs, porẽ o mesmo foi ouuirem os moradores de Iabes Galad, que os Philisteus tinhaõ seu corpo

morto pendurado por afronta nos muros da cidade de Betzan, que ficarem sete dias sem comer: *ieiunauerunt septem dies.* & entrarem em taõ grande colera, que puseraõ sua vida em perigo por libertarem o corpo de afronta. Bem puderaõ os moradores de Palestina passar com dissimulaçaõ neste caso porq̃ por derradeiro Saul os tinha opprimidos cõ injustiças, & justiça, he ser desprezado na morte, quẽ não for comedido na vida, poisq̃ rezaõ tiueraõ os moradores de Iahes Galad, perafazerem esta demonstraçaõ? A rezaõ foi, porque se lembraraõ, q̃ Saul tinha sido seu rey, & seu seõnor, & feitas boas contas, acharaõ que elles proprios eraõ os que ficauaõ afrontados em suas afrontas, se o primor politico chega a estas ventagẽs, o primor Christaõ ha de chegar a outros muito mayores, quando vè afrontado o hũ Deos, & a hũ Senhor, que fez os honras sua misericordia, & que os resgatou de seu sangue.

Este sentimento he hũa das cousas que Deos mais estima, naquelles que o seruem pouco ayrosos ficaraõ os Apostolos no tempo da paixãõ de Christo, porque o desempararaõ: *Tunc omnes relicto eo fugerent.* & a co
uardia

uardia os debilitou de maneira, que nem
hũa pequena escusa lhe deixou: porem o
glorioso saõ Paulino diz, que Christo Se- *Paulinus epist 4.*
nhor nosso se deu por obrigado aos con- *ad Severum.*
feruar em sua dignidade, & os fazer parti-
cipantes das alegrias de sua resurreiçãõ, se
medirmos este caso pellos estilos de justi-
ça ordinaria, & pellos principios do bom
gouerno, parece que Christo Senhor nosso
estaua obrigado a despedir os Apostolos,
& escolher outros homẽs mais seguros, &
mais primorosos, pera ficarem por capi-
taẽs, & por cabeças da Igreja Catholica, por
que gente que perdeo hũa vez o brio, de
ordinario não fica habilitada pera empre-
sas gloriosas; pois que rezãõ teue o glorio-
so saõ Paulino, pera dizer que Christo Se-
nhor nosso se deu por obrigado a conser-
uar os Apostolos em sua dignidade, & aos
participantes das alegrias de sua re-
surreiçãõ? A rezãõ foy, porque os Apосто-
los ainda que o desempararaõ em seus tra-
balhos por assistencia, sempre o acompa-
raõ, & seguirãõ por sentimento, & Christo
fez tanto caso desta pena, & desta tristeza,
que a essa conta dispensou na couardia pe-
ra os não excluir de seu contentamento, le
esta

tã doutrina he verdadeira, nos peccadores
somos diãte de Christo, que reconhece nos
sas faltas, mas o sentimento desta afrõta sua
nos pode seruir de remedio em nossas mi
serias, porque nos pode grangear perdãõ
pera o passado, & esperanças de bens fu
tuuros.

Porem aduirtamos, que acompanhando
do os Apostolos no sentimento, não os imi
temos nas duuidas, que tiueraõ no tempo
em que viraõ a Christo maltratado, porque
Christo Señor nosso logo na hora em que
instituiu este diuino Sacramento declarou
que se punha nelle pera padecer afrontas,
da maneira, que fosse possiuel no estado
em que ficaua, se discorrermos bê nos mys
terios de nossa Redempção com Tertullia
no, & com saõ Cypriano, auemos de achar
que o proprio dia, & que a propria hora em
que Christo Senhor nosso auia de instituir
o Sacramento da Eucharistia, era aquelle
dia, & aquella hora em que sobia ao Ceo,
porque como instituiu o Sacramento da Eu
charistia, pera suprir sua ausencia, a boa con
ueniencia pedia que o instituísse no dia, &
hora em que se ausentaua, porem os Euan
gelistas todos concertaõ em dizer, que Chri
sto

*Tertull. lib. 5. ad-
uersus Marcionem
Cyprian. in tract.
de mensa Domini
consumantis om-
nia Saeramenta &c*

sto Senhor nosso instituio este diuino Sa-
cramento na noite em q se entregaua a tan-
tas afrontas, a tantos tormentos, & a tantas
mortes, quantas foraõ as que lhe derão os
Iudeus, por onde o glorioso saõ Paulo con-
cluio dizendo: *Ego enim accepi à Domino quod*
& tradidi vobis quia Dominus Iesus in qua nocte
tradebatur accipiens panem, & gratias agens dixit
accipite, & manducate, hoc est enim corpus meum.
que rezaõ teue Christo Senhor nosso pera
seguir esta ordem? A rezaõ foy diz sancto
Agustinho, porque com este artificio quis
mostrar que entrava na instituiçãõ deste di-
uino Sacramento, com aquelle proprio ani-
mo com que entrava em sua paixãõ, & que
se mudaua o estado, que senãõ isentaua do
sofrimento.

Hũa só cousa nos pode dar cuidado, &
he, não saberemos em que lugar está nosso
porque este pensamento tem lugar
nos mais ficis peitos, que se podê achar na
terra, porem bemnos podemos aliuiar cõ
assentar, que não ha lugar tão baixo em
que perigue sua gloria; se formos ao prin-
cipio da Escritura sagrada, auemos de a-
char que o primeiro throno em que Deos
se assentou por particular assistencia neste
mundo

*Paul. 1. ad Corint.
cap. 11. num. 24.*

*August. in psal. 33.
conc. 1 tom. 8.
Chrysoft. hom. 83.
in c. 26, Mat. 10.*

*Basil. lib. i. Hexam
cap. 7.*

*Ambros. homil. 2.
Hexameron.*

*August. libr. i. d.
gener. ad liter. c. 5.*

*Trimeg. in Pimãd
Plato in Timor.*

*Pau. Burg. in addit
ad Lyrã. Gene. c. 5.*

27
mundo sensível, foi hum corpo feito de todos os elementos confusos sem ordem, & sem ornato, nesta correspondencia tomão o glorioso saõ Basilio, & o glorioso sancto Ambrosio aquellas palauras do Genesis: *Spiritus Domini ferebatur super aquas.* porque pelo nome de agoa tomão não somente a agoa elemental, senão toda aquella congerie de cousas a que os philosophos antigos chamaõ Chaos. A primeira conueniencia pedia, que Deos assentasse o throno de sua primeira assistencia, no mais fermoso corpo que se pudesse formar na natureza correspondente a magestade, & a fermosura diuina, pois que rezaõ teue Deos pera assentar o throno de sua primeira assistencia, em hum corpo confuso, & desordenado? A rezaõ foi, porque desta maneira ficou mostrando que sua magestade, & que sua authoridade não pendiaõ de lugar em que elle rezaõ senão da propria grandeza com que se sustentava.

Nesta conformidade se ouue Christo no tempo da ley da graça, se correremos com deuação os passos que Christo andou neste mundo, & os passos porque Christo entrou no outro, auemos de achar, que o primeiro
lugar

lugar em que Christo descobrio sua diuinidade, pera communicar sua gloria aos homẽs, & os fazer bemaumenturados foi o proprio inferno, horrido, & tenebroso, não na parte inferior, porque nesta ficaõ os homẽs incapazes de bemaumenturança, mas na parte superior do limbo, em q̃ estauaõ os sanctos Padres, & em certa maneira podemos chamar inferno de cima, & cadeia de cima, *Descendit ad inferos*, se consultarmos nossos propios entendimentos, aõ nos de dizer, que a boa ordem pedia, que Christo escolhesse hũa sala real muy bem ornada, ou hum lugar muy fresco, em que fizesse esta manifestação de sua gloria, pois que rezaõ teue Christo Senhor nosso pera escolher esta cauerna defairosa, & tenebroza? A rezaõ foy diz Caictano, porque desta maneira ficaua mostrando, que sua gloria não pẽ

qualidade de lugar, & que do proprio inferno podia fazer parayso: discorrendo por estes principios, bem podemos concluir, que aonde quer que estiuer o nosso Christo, estã sem prejuizo de sua grandeza.

D. Thomas 3 p. q.

52. ar. 1. 10. 2.

Caietanus ad cit.

locum D. Thomae.

Parte III.

A terceira cousa que se infere da verdade
que

que temos no nosso Euangelho he, que auemos de restaurar esta perda, que padecemos em nos faltai o diuino Sacramento cõ suprema applicação, porq̃ o proprio Deo offendido não demanda menos em satisfação.

Se discorrermos pella vida de Christo Senhor nosso com facilidade auemos de alcançar, q̃ nunca ouue passo em que Christo Senhor nosso se abatesse por humildade, sem o Padre eterno acudir com algũa particular honra em satisfação, quando Christo naceo em hum presepe, em summo desemparo, o Padre eterno acudio, mandando os anjos todos do Ceo, que o fossem adorar, assim o testemunhou o glorioso S. Paulo, quando disse: *Et cum introduceret primogenitum in orbem terra, dixit, & adorent eum omnes angeli Dei.* Quando Christo chegou ao baptismo em habito de peccador, no alto ponto de humiliação, a que podia negar, o Padre eterno acudio, mandando aos ceos que se abrissem, & largando hũa poderosa voz, em que o declaraua por filho seu igual com elle em sua gloria, & magestade, assim o testemunhou o Euangelista S. Matheus, quando disse: *Aperti sunt caeli, & ecce*

*D. Paulus ad Heb.
I. num. 6.*

Mat. 3. n. 26 & 27

vox

10 a 2

vox de caelo dicens: *hic est filius meus dilectus, in Mat. 3. n. 16 & 17*
quo mihi complacui. Quando Christo se pôs
na cruz com tanto aperto, que até o Padre
eterno, parece que se retirava: *Deus Deus*
meus, ut quid dereliquisti me. O Padre eterno *Math. 27. n. 46*
acudio, mandando ao sol que se escurecesse,
& aos elementos, que se perturbassem,
em testemunho de sua innocencia, & em
manifestação de sua diuidade, assim o te-
stimunhou o Evangelista saõ Lucas, quan-
do disse: *Et tenebrae factae sunt super uniuersam* *Luc. c. 23. n. 44*
terram, usque ad horam nonam. Que rezaõ teue
o Padre eterno pera seguir este estilo, a re-
zaõ foi, porque feitas bem as contas, achou
que era afronta sua não acudir com noua
honra aquelle que se afrontaua por seu ser-
uiço, toda a rezaõ pede, que nos conforme-
mos com o Padre eterno nesta parte, por-
que Christo Senhor nosso seruiu ao Padre
em seruiço, & utilidade nossa, & se
o Padre eterno se deu por obrigado a acu-
dir com noua honra a Christo, que se afron-
taua por seu seruiço, a rigorosa justiça de-
manda, que acudamos com noua honra, &
com auentejada honra a Christo, que se
deixa afrontar por nosso remedio, & parti-
cularmente neste caso, pois por nos conso-
sola,

folar com sua presença, se auenturou a temeridade de doudos, & a timeridade de infieis.

Estima Christo tanto este nosso reconhecimento, que a elle tomou por hũa das principaes partes do premio, & satisfação de muito que padeceo por nós, & do muito q̄ padece por nós, descreuendo o glorioso S. Paulo as muitas afrontas, os muitos tormētos, que Christo soffeo por nosso remedio, diz, que tudo isto leuou Christo com muito animo, & com muita alegria, leuando o olho em hum muy grande gosto, que esperaua por premio, & por satisfação, nesta correspondencia se haõ de tomar aquellas palavras: *Qui proposito sibi quando sustinuit crucem confusione contenta.* A primeira cousa q̄ dita a curiosidade humana, he buscar, & perguntar, que gosto foy este em que Christo Senhor nosso leuaua o olho no termo de sua sagrada paixão, bem sei que nesta materia ha muitas opiniões, & muitos discursos: porem Theodoreto, conforme ao sentimento que lhe dão muitos doutores modernos, diz, que este gosto foy o que Christo Senhor nosso auia de ter em se ver adorado, reuerenciado por Deos, & por Senhor em

Qu. ad Heb. 12.

11111, 2.

*Bibera super epist.
ad Heb. c. 12.*

em tantos templos, em tantos altares, & em
tantas custodias, quantas tem a igreja Ca-
hólica, com tantas festas, com tantas cere-
nonias, & com tantos gastos quantos são,
quantos se fazem na Christandade; se Chri-
sto Senhor nosso se deu por bem pago, &
por bem satisfeito com esta satisfação, na-
quillo q̄ padecio por nos, bem podemos
dizer, que tambem se dará por bem pago,
& por bem satisfeito, com estas nossas cele-
bridades, & cō estas nossas festas na injuria
que se lhe fez, pois restauramos a quebra
naquillo que mais estima.

Nesta parte cuido que tem a cidade de
Lisboa feito aquillo que se podia desejar,
porque nestas demonstrações de piedade, &
religião, tem chegado a tudo aquillo, & a
muito mais do que a estreiteza do tempo
podia sobir, & ainda que estas desgraças co-
mo a ser pronosticos de males, bem po-
demos esperar auentejadas merces, porque
Deos mais ha de deferir ao seruiço de mui-
tos, que ao desatino de poucos. Hũa cou-
sa me podeis perguntar, & he, se ainda ten-
des obrigação de procurar, & sollicitar o
estigo dos homês perdidos, que cometerão
este excesso, & se mo perguntardes, digo q̄
sim,

*Glosa ordi. Num.
25. ex August. q.
52. in exposi. mo-
rali.*

Numer. 25. nu. 13.

*Orig. homil. 20. in.
lib. numerorum.*

4. Reg. 9. n. 7.

sim, porque o castigo em desordens desta
qualidade, he o que acaba de perfeiçoar a
religião. Querendo Deos escolher a Phinees
pera Sacerdote, inspiroulhe que tomal-
se a espada na mão por zelo, & que com he
punhal atraueffasse os delinquentes, que
tauão offendendo a Deos com escandalo
de todo o pouo: *Erit tam ipsi quam semini e-
ius pactum Sacerdotij sempiternum, quia zelatus
est pro Deo suo.* se Deos quera escolher a Phi-
nees para sacerdote, parece que o deuia de
examinar, & adestrar nas ceremonias sacer-
dotaes, no dobrar dos joelhos, & no me-
near o thuribulo, & não em matar homẽs,
pois que rezaõ teue Deos pera leuar a Phi-
nees por este caminho? A rezaõ foy, porq̃
a justiça em peccadores escandalosos, cae
tão dereitamente em seruiço de Deos, que
não somete se reputa por execução de ju-
stiza, mas por effeito de religião.

Porem aduertamos, que o zelo do casti-
go cõtra estes delinquentes, sempre tem lu-
gar, mas que a execução, & o effeito não ha
de succeder, senão despois delles conuenci-
, & declarados, mandou Deos ao Capi-
tão Gehu, que destruisse a casa de Achab,
pellas grandes idolatrias, & pellas grandes

exor-

vas

exorbitancias que nella auia: *Vixi te regem
super populum Domini Israel, & percuties domum
Achab.* Executou Iehu esta ordem de Deos
com tanto rigor, & com tanta seueridade,
que chegou Deos a se dar por muy satisfei-
to, & a lhe prometer premio temporal na
continuaçãõ do Reino pera seus filhos até
a quarta geraçãõ: *Quia studiose egisti quod rec- 4. Reg. 18. n. 3.
tum erat, & placebat in oculis meis, & omnia que
erant in corde meo fecisti contra domum Achab,
filij tui vsque ad quartam generationem sedebunt
super thronum Israel.* com isto ser assim, Deos
fallando pello Propheta Oseas diz que auia
de castigar muy bem a casa de Iehu por es-
ta matança que tinha feito: *Visitabo sangui- Oseas c. 1. n. 4. Do
nem Iezabel super domum Iehu.* Se Iehu fez o q̄ *ctores aliqui apud
Riberam ad citat.
Osea locum.*
Deos lhe mandou, & Deos lhe approuou o
que tinha feito, que rezaõ teue Deos pera
despois mandar castigar sua casa; algũs dou-
tosos bem graues dizem, que a rezaõ foy,
que Iehu fez toda aquella destruiçãõ,
não por satisfazer a justiça, mas por satisfa-
zer a seu odio, & ainda que lhe deu satisfa-
çãõ pella iustancia da obra, não quis dissi-
mular com a desordem, que auia na in-
tercepçãõ; não nego que esta ponderaçãõ té m
bom fundamento, porem muito melho-
me

4. Reg. 9. n. 27. &
ap. 10. n. 13.

me parece a opiniaõ daquelles que dizẽ, q̃
averdadeira rezaõ foy, porque Iehu fez a
execuçaõ da justiça que Ihe Deos mandava
execuutar sem ordem, & sem distincão de
culpados, & mais culpados até matar a O-
chosias Rey de Iuda, & seus irmãos, por irẽ
visitar os descendentes de Achab, como a-
ponta o sagrado Texto, & não falta aente
jado fundamento a esta consideraçã, por-
que Deos não manda fazer cousas a carga
ferrada, & o mesmo he faltar nos termos
da prudencia, que desbaratar a justificaçã
da justiça, & se isto assim he, o proprio Deos
quer que temperemos o zelo, & que não fa-
çamos por impeto, o que se ha de fazer por
gouerno.

E em quanto se não chegaõ a descobrir
os delinquentes, de maneira, que o castigo
fique acertado conformemonos com Deos
porque se elle passa com longanimi
rezaõ pede, que també nos passemos com
paciencia. & só auemos de empregar o zelo
de vingança em nossas proprias pessoas ti-
rando por arrependimento, & penitencia
ne dita, a vida aos vicios, porq̃ nossos pec-
a los foraõ os primeiros authores deste
desconcerto; vendo Deos os grandes desa-
foros

13 ad

foros com que se prophanaua o pouo de Israel, permitio que a Arca do Testamento fosse tomada, & catiua pellos Philisteus, bẽ pudera Deos castigar o pouo de Israel com castigos de differente qualidade, & que ficassem bem a proposito, porque ao menos fomes, & pestes vniuersaes apertaõ hũa republica de maneira, que não tem, nem commodidade, nem refrigerio; pois que rezaõ teue Deos pera escolher este castigo, a rezaõ foi, porque o pouo de Israel não acabaua de acudir a outros, & crescendo os peccados teue Deos por importante afronta-
talo em materia de religiaõ, & por vltimo castigo tirarlhe por pena aquillo dõde lhe costumaua vir o remedio. Parece-me que estamos nos mesmos termos, porque depois de tantos açoutes com que este miseravel Rey no foi opprimido sem se melhorar costumes, permitio Deos que acontesse esta desgraça, & que ouesse entre nos homem taõ desatinado, que afrontando a elle, nos afrontasse a nos, & tocasse na fonte donde nos vem o remedio em nossos males

§.

Com isto remato o sermaõ, pedindo a
nosso

nosso Senhor, que tire de toda esta desgraça muitos bês, pois costuma sua infinita misericordia tomar males por principios, & instrumentos de audenteadas merces. &c

F I M

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



Ha. 2